



Memória, espaço e construção da identidade: relação e compreensão a partir de uma análise do romance *O vendedor de passados*

Amanda Cristina Borges¹ (IC)* amandacristina.borges@hotmail.com, Adolfo José de Souza Frota (PQ)

Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina - Av. Dr. Deusdete Ferreira de Moura, S/N, Centro – Goiás – GO CEP: 76.600-000 Fone: (62) 3371-4971 - E-mail: dir.goias@ueg.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer um estudo sobre Memória, a partir de pesquisas de teóricos e filósofos que aprofundaram seus estudos sobre o tema. O aparato teórico-metodológico mobilizado segue os pressupostos teóricos dos estudos de autores como Santo Agostinho (1984), Douwe Draaisma (2005), Seligmann-Silva (2006), Gaston Bachelard (1978), Marc Augé (2003), Pierre Nora (1993) e Ecléa Bosi (1994). É também proposta deste resumo expandido fazer um breve estudo do tema Espaço e sua relação com a memória, e, em seguida fazer uma análise do romance *O vendedor de passados*, do autor José Eduardo Agualusa, para compreender a relação entre memória, espaço e imaginário. No romance de Agualusa, a narrativa chama atenção por centrar-se na discussão da importância da criação de um passado artificial, para que as personagens pudessem ser aceitas na sociedade. A análise do livro demonstra como a memória e o espaço são importantes para a construção identitária de um indivíduo, mesmo que essa identidade seja imaginada e inventada.

Palavras-chave: Memória. Espaço. *O vendedor de passados*.

Introdução

A memória é uma das habilidades que diferencia o ser humano dos animais e é também, sem dúvidas, uma das faculdades mais importantes para o indivíduo. Na Grécia Antiga, à memória era dedicado um culto parecido como os cultos às divindades. A Mnemósine, que era considerada a deusa da memória, inspirava os aedos em suas narrações dos grandes feitos mitológicos e arquetípicos de um passado longínquo e idealizado. A memória, desde aquela época, tem sido tema de debates filosóficos dos autores clássicos, como a discussão da teoria da reminiscência feita por Platão e, posteriormente, por Santo Agostinho, fortemente influenciado pelo filósofo grego, ao expressar, em suas *Confissões*: “É grande

REALIZAÇÃO



realmente o poder da memória, bem grande, ó meu Deus. É um santuário imenso, ilimitado. Quem poderá atingir-lhe a profundidade?” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 276).

A memória é um tema com vários conceitos diferentes, e o objetivo deste artigo é conhecer e analisar alguns desses conceitos por meio de importantes obras e autores que retrataram o tema. Além disso, é objetivo observar como o romance *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa, pode ser compreendido a partir de uma perspectiva mnemônica, de sua relação com o espaço e com o imaginário.

Resultados e Discussão

Iniciamos a pesquisa estudando alguns conceitos do tema “memória”. É difícil chegar a um conceito geral de memória, já que não podemos analisar os dados isoladamente. Seligmann-Silva (2006, p. 32) define memória como “um conjunto de imagens mentais das impressões sensuais, mas com um adicional temporal; trata-se de um conjunto de imagens de coisas do passado”. Já o autor Douwe Draaisma (2005, p. 20-21) afirma que a memória pode ser imaginada Como um verdadeiro depósito de objetos preciosos temporários, que permanecem somente pelo período de vida do ser humano, daí a sua transitoriedade. Essa característica estimulou os homens a buscar formas alternativas de registro e de conservação memorialista, a partir da utilização de mecanismos artificiais.

Para a compreensão do romance *O vendedor de passados*, um segundo elemento narrativo precisa, também, ser enfatizado: o espaço, especialmente o espaço da casa, onde o narrador habita, observa, descreve e narra todos os acontecimentos. O espaço estará, neste romance, intimamente associado à memória, daí a necessidade de fazer uma breve discussão desse tema. Para discutir sobre o tema “espaço” citamos os autores Gaston Bachelard e Marc Augé que trazem conceitos sobre o assunto.

O filósofo Gaston Bachelard (1998) descreve a casa como santuário, um lugar de proteção, um lugar que traz estabilidade emocional para os que a habitam. Por esse motivo, a casa é um espaço que guarda a maior parte de nossas lembranças, já que ela é o nosso primeiro universo.



Para Bachelard (1998), a casa só é considerada como um refúgio a partir da presença de uma pessoa que atribui significado subjetivo ao espaço considerado doméstico. Assim como Bachelard, Marc Augé (2003) trabalha com a ideia da presença humana como fator que caracteriza o conceito de espaço. De acordo com Marc Augé (2003, p. 51), no livro *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, o lugar se configura como antropológico na medida em que ele esteja relacionado à coletividade (humana) e ao culturalismo. Marc Augé teoria sobre um lugar antropológico, que seria uma construção simbólica e concreta do espaço e que está relacionado à coletividade e ao culturalismo.

Logo depois de aprofundarmos os estudos sobre memória e espaço, partimos para a análise do livro *O vendedor de passados*. No livro de José Eduardo Agualusa, a narrativa chama atenção por centrar-se na discussão da importância da criação de um passado artificial, para que as personagens pudessem ser aceitas na sociedade. A personagem Félix Ventura constrói um novo passado com memórias inventadas, fotografias, notas de jornais e outros documentos com o intuito de vendê-lo para indivíduos da alta burguesia angolana, que querem esquecer seus passados (muitas vezes passados duvidosos) e ganhar autoconfiança ao assumir uma nova identidade. A história é narrada por uma “osga” que, em uma vida anterior, fora humano e habitara a mesma casa onde a história se passa. Essa relação íntima do narrador com a casa indica haver um tipo de memória associada ao espaço, a memória afetiva:

Nasci nesta casa e criei-me nela. Nunca saí. Ao entardecer encosto o corpo contra o cristal das janelas e contemplo o céu. Gosto de ver as labaredas altas, as nuvens a galope, e sobre elas os anjos, legiões deles, sacudindo as fagulhas dos cabelos, agitando as largas asas em chamas. É um espetáculo sempre idêntico. Todas as tardes, porém, venho até aqui e divirto-me e comovo-me como se o visse pela primeira vez. A semana passada Félix Ventura chegou mais cedo e surpreendeu-me a rir enquanto lá fora, no azul revoltado, uma nuvem enorme corria em círculos, como um cão, tentando apagar o fogo que lhe abrasava a cauda (AGUALUSA, 2011, p. 10).

Podemos, então, afirmar que a casa em que a osga (de nome Eulálio) habita, seria um “lugar de memória”. Segundo Pierre Nora (1993, p.13), os “lugares de



memória” são aqueles que nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, redigir atas, porque essas operações são naturais.

Nora (1993, p. 18) também escreve: “Quando uma memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar”. A partir daí temos a noção de que a memória tem uma necessidade de ser vivida, precisa de indivíduos que passem essas memórias para frente. Esses indivíduos seriam considerados como “homens-memória” (NORA, 1993, p. 18). A osga Eulálio faz esse papel de contar as memórias no romance, sendo assim, um homem-memória (no seu caso, osga-memória).

No romance de Agualusa, podemos perceber que a osga tem a casa como um lugar de proteção e de boas lembranças em que vivera em suas duas vidas:

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. Faz-me bem. Transmite-me segurança (AGUALUSA, 2011, p. 13).

Durante a narrativa das histórias vividas por Félix Ventura e as outras personagens, a osga vai introduzindo suas lembranças e sonhos (memória de vida humana) de quando viveu como humano: “A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável. Está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre” (AGUALUSA, 2011, p. 59).

Considerações Finais

Em fase final da pesquisa, pudemos identificar claramente no romance *O vendedor de passados*, os conceitos estudados sobre memória e espaço e suas



relações e importância para a construção da identidade, mesmo que essa identidade seja artificial.

Agradecimentos

Agradeço ao meu professor e orientador Dr. Adolfo José de Souza Frota, pela dedicação, atenção, paciência e total apoio ao me orientar. A Universidade Estadual de Goiás pelos recursos e incentivo para que esta pesquisa fosse realizada. E por fim não poderia deixar de agradecer minha colega e amiga Fernanda, pela ajuda, incentivo e troca de experiências durante a pesquisa.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: GRYPHUS, 2015.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da Supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papyrus, 2003.

BACHELARD, Gaston. **"A poética do espaço"**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da memória**: uma história das ideias sobre a mente. São Paulo: Edusc, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice; Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khouri. In: PROJETO História 10. São Paulo: PUC-SP, p.7-28, 1993.